

Boa tarde,

Gostaria de cumprimentar

o *Diretor Geral da CPLP*, Embaixador Armindo Brito Fernandes,

a *Ministra do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação de Angola*, Professora

Doutora Maria do Rosário Bragança,

a *Ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal*, Professora Doutora
Elvira Fortunato

a *Secretária de Estado do Ensino Superior de Cabo Verde*, Doutora Eurídice Monteiro

Representantes dos Estados Membros da CPLP e dos Observadores Associados,

Ilustres moderadoras, oradoras e pessoas convidadas aqui presentes e online

Estou muito feliz por estar aqui hoje numa conferência dedicada a dar visibilidade à importância da participação na ciência, tecnologia e inovação e do seu acesso pleno e equitativo.

Foi com imenso entusiasmo e sentido de responsabilidade que a Cartas com Ciência aceitou este desafio da CPLP para organizar esta conferência. Em estreita articulação com o Diretor de Ação Cultural e da Língua Portuguesa Doutor João Ima Panzo e a Doutora Isabel Júlio, a parceria entre a CPLP e a Cartas com Ciência tem sido nutrida desde o nosso lançamento. Temos tido a oportunidade de acompanhar reuniões ministeriais e de contribuir com diversas ações dentro do “Plano Estratégico de Cooperação Multilateral no Domínio da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior da CPLP”.

A missão da Cartas com Ciência é que cada estudante encontre o seu valor no conhecimento, na educação e nas ciências. Para isso, criamos espaços de diálogo entre cientistas (de todas as áreas do saber, incluindo as humanidades) e estudantes nos países de língua oficial portuguesa e queremos chegar especialmente a estudantes de comunidades com baixos rendimentos, a quem estatisticamente é dado menos acesso a iniciativas científicas e a cientistas. Desde 2020, mais de 450 estudantes, em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe

e Timor-Leste, participaram nos nossos programas de trocas de cartas, envolvendo 14 docentes e mais de 700 cientistas. Represento uma equipa 100% voluntária de 40 pessoas de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

A acção da Cartas com Ciência foca-se dentro do espaço CPLP e integra conceitos baseados em evidência científica, em práticas equitativas e de justiça social e caracteriza-se por almejar ser multilateral e colaborativa.

Assim, estamos aqui hoje para dar mais visibilidade à importância do acesso pleno e equitativo à participação na ciência, tecnologia e inovação de todas as pessoas, numa oportunidade de consolidar o compromisso multilateral com a inclusão. Hoje em particular, das mulheres e meninas, todas elas, trans e cisgénero.

Mas sem esquecer que são muitas as demais comunidades minorizadas que merecem a atenção da comunidade científica, hoje e amanhã. Olhemos à nossa volta e perguntemo-nos, onde estão, nos espaços de liderança, de produção de conhecimento e nos espaços em que nos movemos, as pessoas com deficiência? As pessoas de contextos de baixos rendimentos? As pessoas da comunidade LGBTQIA+? As pessoas migrantes? Pessoas de comunidades étnicas minorizadas e de religiões não dominantes, de comunidades rurais?

Quando olhamos para as profissões que as crianças e jovens participantes da Cartas com Ciência escolhem em questionários, num total de quase 500 em oito países, 55% dos meninos escolhem profissões CTEM versus 30% das meninas. Celebramos, hoje, todas as mulheres e meninas, tendo em vista uma ciência e educação que valorizem cada pessoa, para lá das estruturas e estereótipos de género dominantes e que perpetuam desigualdades.

Acreditamos numa ciência que, em seriedade e em linha com as evidências e o conhecimento, se descole da construção binária de género, e combata a categorização de diferenças humanas feita em serviço de hierarquias de poder. Uma ciência, uma

comunicação de ciência e uma educação em ciências que sirvam a paz e a justiça. Para que quando nos pedem para imaginar uma pessoa cientista, imaginemos além do cientista homem, branco, e de cabelos em pé.

Esperamos que as partilhas das nossas fabulosas oradoras e moderadoras, de vários países e contextos, iniciem diversos diálogos que se multipliquem além desta sala e desta tarde. Que quer façamos parte de instituições científicas, educativas, governamentais, associativas, ou outras, todas as pessoas podem envidar esforços para não só tornar a nossa ação e processos mais equitativos, mas também tentar desconstruir e não apoiar inadvertidamente estruturas e sistemas que perpetuam desigualdades. Isso passa por refletir e atuar sobre o que fazemos, como fazemos, e com quem fazemos, de uma forma interseccional. Perguntar: Com as nossas ações estamos a ajudar-nos a adaptar às lógicas dominantes, ou a contribuir para transformar outra forma de ser e viver?

Diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, passa também por valorizar o talento e impulsionar diálogos que nos tragam novas soluções e novas possibilidades de ver o futuro. E esperamos que as partilhas de hoje sejam uma boa semente para imaginarmos o futuro em conjunto.